

## **TEM HISTÓRIA HOJE? TEM SIM SINHÔ!: APRENDENDO A CONTAR HISTÓRIA COM O PROGRAMA BALE**

Ozana Maria Alves  
Graduanda do curso de Letras  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Wandeson Alves de Oliveira  
Graduando do curso de Letras  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Emanuela Carla Medeiros de Queiros  
Mestranda em Educação  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

**RESUMO:** O presente artigo objetiva fazer um relato de experiência vivenciada com a turnê "*Tem história hoje? Tem sim sinhô*", a partir de dados empíricos de nossa participação. Sendo uma iniciativa realizada pelo Ministério da Cultura - MinC via Prêmio Agente Jovem de Cultura (2011) através do Programa de Extensão Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE, a turnê (em andamento) tem por finalidade viabilizar a leitura e estimular a tradição do contar histórias de forma dinâmica e lúdica por meio da mediação do palhaço PIRULIBALE (personagem criado pelo grupo), em espaços escolares e não escolares do município de Pau dos Ferros – RN. Para fundamentar este relato, buscamos respaldo teórico em autores que como: Amarilha (2006); Bussato (2003); Eco (1994); Villard (1997); Sampaio e Mascarenhas (2007), entre outros. Destacamos, como resultados preliminares dessa ação: o despertar para o gosto pela leitura de textos literários; o resgate cultural e popular da contação de histórias; a formação de novos leitores; E o acesso à cultura literária e o lazer a espaços desprovidos desses bens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contação de histórias; Leitura; Formação de leitores; Cultura.

### **INTRODUÇÃO**

Contar histórias um é ato e uma arte praticada desde os nossos antepassados por meio da tradição oral. Quantas vezes não fomos privilegiados em ouvir nossos avôs e avós contar-nos uma história de sua infância ou juventude? Quem de nós nunca escutou contos de heróis ou vítimas, contadas pelo próprio personagem-protagonista da história? As histórias estão por toda parte; na memória do vovô, na biblioteca da escola, na sala de aula, na bíblia, na internet, enfim, vivemos ao redor das histórias, somos seres constituídos pela própria história.

Ao escutar uma história o sujeito ao mesmo tempo em que ouve, imagina todas as ações, espaços, tempo, a forma de como sucedem os acontecimentos na narrativa; além de vivenciar todas as sensações que a história proporciona; sejam elas, alegria,

medo, esperança, angústia, entre outras. Afirmar que as histórias podem despertar esses sentidos, não é complicado, basta parar para ler ou escutar uma história.

O presente trabalho visa compartilhar a experiência da contação de histórias, com vistas ao reconto, vivenciada no Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE, através da turnê Tem história hoje? Tem sim sinhô! O BALE faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Planejamento do Processo de Ensino-aprendizagem (GEPPE), cadastrado no CNPq e vinculado ao Departamento de Educação. De caráter extensionista, esse programa funciona em parceria com o Departamento de Letras do Campus Avançado “Prof.<sup>ª</sup> Maria Elisa de Albuquerque Maia” (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, formado por alunos, professores e comunidade que promovem o acesso aos livros e a leitura em suas estratégias mais diversas para formar leitores tanto em espaços escolares quanto em espaços não escolares ao longo de uma trajetória de seis edições, iniciada no ano de 2007 e que chega hoje a 7ª edição com um trabalho significativo na formação dos alunos universitários e o público atendido.

O BALE promove atividades de leitura, sistematicamente, a quatro bairros de Pau dos Ferros: Riacho do Meio; São Geraldo; Arizona e Manoel Domingos; todos desprovidos de bens culturais e bibliotecas, favorecendo a democratização da leitura.

Portanto, a iniciativa exerce e promove o direito à leitura, a cultura e ao conhecimento trazido pelos livros e pela arte de contar.

Para fundamentar este relato de experiência, buscamos respaldo teórico em autores que discutem sobre o tema; como: Amarilha (2006); Bussato (2003); Delmanto (2007); Eco (1994); Villard (1997); Sampaio e Mascarenhas (2007), entre outros.

O trabalho está dividido em cinco partes: na primeira faremos uma apresentação sucinta do que iremos expor ao longo do texto; contextualização do tema e alguns resultados alcançados; a segunda parte incide no contexto de atuação do Programa BALE e da turnê; a terceira vem abordar uma discussão sobre a arte de contar histórias no cenário atual; na quarta parte será relatada a experiência vivenciada na turnê, nesse item partilhamos as histórias que foram contadas durante os encontros já realizados, e por último, teceremos nossas considerações finais, assim, apresentamos os resultados das nossas práticas de contação frente a esse trabalho junto ao Programa BALE na promoção da leitura.

## **Contexto de atuação do Programa BALE: conhecendo a trajetória da ação**

O Programa Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – BALE, se apresenta hoje em sua 7ª edição. Inserido na região do sertão nordestino, distante dos grandes centros, área totalmente desprovida de políticas públicas de acesso aos livros e biblioteca, especialmente no âmbito da cultura e do lazer, constitui-se numa iniciativa que engloba um trabalho sistemático com a literatura no âmbito do município de Pau dos Ferros – RN e se estendendo a algumas cidades vizinhas que tem tido através de parceria, a exemplo de Umarizal (cidade onde se localiza o NAESU/UERN, ampliando as ações de fomento a leitura do Programa BALE na escola Tranquedo Neves),

Diante dessa realidade o Programa BALE vem desenvolvendo um trabalho de incentivo à propagação da leitura junto a comunidade paufferense, de início através de recursos financeiros externos via editais, como o PROGRAMA BNB CULTURA/BNDES – edições 2007, 2008, 2010 e 2011 - como também por meio da Fundação de Apoio a Pesquisa no Rio Grande do Norte - FAPERN, viabilizando um significativo acervo bibliográfico. O Programa também é inserido no Plano Nacional do Livro – PNLL e na Rede de Biblioteca Viva. Recentemente ganhando o edital da FAPERN (2012) através do Programa de Integração da Ciência, Tecnologia e Inovação com a Educação Básica - Pontos de CTI-EB, com parceria com o Cnpq/CAPES que vai desenvolver a iniciativa “Ponto BALE – CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação): entre canteiros da leitura e produção”.

Durante sua trajetória extensionista, o BALE ganhou reconhecimento tanto local, nacional e internacionalmente através dos prêmios, como o Troféu “VIVA LEITURA” em 2008; Prêmio da Bolsa FUNARTE de Circulação Literária, em 2010, É reconhecido pelo Ministério da Cultura – MinC, como “PONTO DE LEITURA – Edição Machado de Assis”, e têm suas ações vinculadas ao Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), colocado na primeira página desse programa à COMUNIDADE BIBLIOTECA VIVA” - MinC, além de ser reconhecido no exterior com resultados das pesquisas junto ao Programa publicados em países como, França e IV FORO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA – IV FIPED, na Cidade do México.

E neste ano de 2013 o Programa BALE é contemplado com o PRÊMIO AGENTE JOVEM DE CULTURA, uma iniciativa também do MinC. A proposta tem o objetivo de realizar uma turnê, de nome TEM HISTÓRIA HOJE? TEM SIM SINHÔ! (que contempla as artes literária e circense). A iniciativa insere o personagem de um

palhaço – PIRULIBALE – nas atividades na cidade de Pau dos Ferros, seguindo um cronograma de visitas a espaços escolares e não escolares com a finalidade de levar leitura através da contação de história e em seguida o reconto, de uma forma lúdica, dinâmica e descontraída para o público diverso (crianças, jovens, adultos e idosos).

### **A arte de contar história: contando para entender**

A contação de histórias nasce no contexto das culturas de tradição oral. Sabemos que, antes que a escrita fosse criada, os conhecimentos e as informações eram transmitidos por meio da oralidade. Com isso, a memória era a única fonte pela qual os conhecimentos poderiam ser repassados e conhecidos. Contar histórias neste tempo, não era para todos os que desejavam, existia pessoas próprias que desempenhavam esse papel e que possuíam o dom de narrar e de representar.

Narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas. Perde-se porque já não se tece e fia enquanto elas são escutadas. Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada. No momento em que o ritmo do trabalho o capturou, ele escuta histórias de tal maneira que o dom de narrá-las lhe advém espontaneamente. Assim, portanto, está constituída a rede em quem se assenta o dom de narrar. (BENJAMIN, Op. Cit. P. 62, *apud* BUSSATO 2006, P. 118-119).

Porém, a forma de contar histórias sofreu ao longo do tempo grandes transformações; com o surgimento da escrita e outras diversas formas de se transmitir o conhecimento e manter vivas as histórias que antes só se encontrava na memória de alguns, os contos passaram a ter novas formas e finalidades, como também, novos espectadores. No entanto, reconhecendo que não é só de matérias que se representa e se preserva uma cultura, mas também, e, sobretudo por meio de suas manifestações orais e gestuais, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO criou em 1997, o chamado Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade para reconhecimento e proteção de patrimônios culturais imateriais, com o intuito de manter viva as lendas, danças, costumes, as festas, músicas, enfim, as diferentes formas de expressões.

Nesta perspectiva, vemos que há muitas maneiras de se contar histórias, podemos nos encantar com os contos através do teatro, da pintura, da dança, do cinema, da música e também da literatura; esse último, de maneira especial, pois nosso trabalho

volta-se para as histórias literárias, buscando trabalhar na perspectiva de despertar nos sujeitos, o gosto e prazer pela leitura. Segundo Villard (1997, p.110), “A literatura é feita pra encantar, é feita com prazer para proporcionar prazer, o que vem depois é consequência desse prazer”. A autora nos deixa claro, que a natureza da literatura é causar prazer, êxtase, regozijo, em quem nela se deleita, e o resultado desse estado, será sem sombra de dúvidas, um sujeito apaixonado pelos livros, pelos contos literários.

Nessa perspectiva, RIOS afirma que:

Literatura é arte e arte pressupõe plurissignificação. Ora, o texto plurissignificativo oferece ao leitor inúmeras possibilidades leitoras, sendo pois, sinônimo de liberdade criativa, lugar de imaginação ampla, contestação, sonho, criticidade, transformação, conflito, mistério... Sensações leitoras que, dificilmente, um texto não literário pode alcançar diversificadamente, enquanto num único texto literário é possível encontrá-los, todos, e outros mais. (2008, p. 98).

Concordamos com a autora, pois ao lermos uma história, começamos a imaginar tudo o que ela apresenta, seja o ambiente, os personagens, os acontecimentos e vamos nos identificando com cada aspecto descrito na trama, fazendo nossas escolhas, por exemplo: decidimos qual personagem queremos ser e qual não nos identificamos. Esse fato é real para as narrativas em geral e passa a ser um exemplo claro que ocorre entre a criança e a ficção literária, pois ela “passa a creditar na existência real de personagens e acontecimentos” (ECO, 1994, P. 131).

Para tanto, a contação cumpre um valor extraordinário na criança quando desde cedo ela tem a oportunidade de ouvir histórias, pois o conto proporciona um prazer único, possibilita a fuga da realidade e oportuniza a criança vivenciar todas as fantasias possíveis, entrar na história e se vestir dos personagens apresentados, através de sua imaginação, isso faz com que se afirmar que a contação de histórias “alimenta o imaginário dos leitores em formação” (AMARILHA, 2006, P. 91).

Uma história é, de fato, considerada um alimento para a imaginação da criança, pois ela ajuda em seu desenvolvimento pessoal. Pode-se dizer que isso acontece porque a “ficção literária torna a criança, por sua vez, criadora, e a leva, por isso, à construção consciente e desejada de sua própria ficção” (HELD, 1980, P. 52), ou seja, a imaginação desperta a criança para novas invenções e criações. Essa construção de significados a partir do ouvir cresce com o sujeito, tornando-o parte da sua própria construção no mundo, daí tal atividade de contar se entende a todos os sujeitos, sejam crianças, jovens ou adultos, as histórias tem sempre uma maneira de tocar os que dela participam.

Quando se estimula à leitura desde os primeiros anos, o resultado desta ação será um sujeito com melhor desempenho no aprendizado e um leitor apaixonado pelos livros. Daí a importância do papel da família e da escola na construção de uma sociedade leitora.

Ler para uma criança é antes de tudo um ato de generosidade e de responsabilidade do professor que, ao emprestar a voz para que o autor fale às crianças, também assegura a elas o direito de ingressarem nesse universo letrado, antes mesmo de saber os nomes das letras. É na roda de leitura que as crianças ampliam o repertório de histórias desde os contos tradicionais de fadas, até os populares brasileiros e de outras culturas, o título de alguns dos autores da literatura infantil, peças e autores de teatro, distinguindo esse tipo de textos dos demais modos de expressão das histórias etc. (OC p. 87 *apud* São Paulo – SME 2010).

Entendemos, portanto, que é de suma relevância ler para uma criança antes mesmo que ela conheça as letras, é um presente que o professor ou a família no papel de mediador dessa leitura pode oferecer para o pequeno e futuro leitor. Será a partir desse ato de generosidade que a criança desenvolverá o seu repertório de contos e conhecimentos da cultura.

A contação de histórias, principalmente nas escolas, é observada na maioria das vezes, como um momento de entretenimento e de descontração, no entanto, não se percebe que este momento favorece e desperta o senso crítico e criativo dos alunos, além de informar, socializar, educar e prender a atenção da criança, passando a ser uma oportunidade para formar leitores e produtores de textos. Eis, pois, o papel do contador de histórias ou mediador de leituras nas palavras de Delmanto:

O mediador de leitura é um sujeito que exerce as funções de aproximar os leitores menos experientes dos livros, seduzir e orientar os leitores e compartilhar saberes, mediante a organização de espaços de leitura aconchegantes. Ele utiliza-se ainda de argumentos que convençam os leitores do prazer da leitura e da beleza do texto, instiga o pensamento na busca de outros significados dentro do texto, favorece o contato com diversos textos e, especialmente, ajuda os leitores a construir sentidos para o texto a partir de seus entendimentos, por meio de um processo dialógico. (, 2007, p. 27).

O contador de histórias deve ser antes de tudo apaixonado pelos livros, deve estar seduzido pelos contos para poder propagar a sua paixão pela leitura através dessa arte de contar histórias para encantar e emocionar o seu público alvo, assim como fez Sherazad<sup>1</sup> em *Mil e uma noites*. “Dinazard lhe disse: ‘como é agradável e insólita a sua história, maninha’, e ela

---

<sup>1</sup> Segundo a lenda da antiga Pérsia, Sherazade, com sua beleza e inteligência, fascinou o rei ao narrar histórias fantásticas por mil e uma noites, poupou sua vida e ganhou o eterno amor do Rei Shariar.

respondeu: Isso não é nada perto do que irei contar-lhes na próxima noite, se eu viver e o rei me preservar” (JAROUCHE 2008, P. 191). As histórias que Sherazade contava ao rei eram tão fascinantes e envolventes que permitia ao seu ouvinte viajar pelos lugares e situações narradas, a ponto de causar-lhe um prazer fantástico através de sua imaginação.

Deste modo, contar histórias amplia os horizontes e as possibilidades de uma criança, a interação estabelecida pelo narrador e ouvinte, favorece um vínculo valioso entre eles; ajuda os pequenos leitores a enfrentar seus conflitos de maneira segura e criativa, na medida em que se fortalece junto ao personagem na história ele não estará mais sozinho com suas dificuldades, pois elas serão compartilhadas e superadas como superou o personagem do conto.

### **Tem história hoje! Tem sim sinhô: Relato da experiência**

A “Turnê: *TEM HISTÓRIA HOJE? TEM SIM SINHÔ!*” é uma iniciativa do Programa BALE, através do prêmio Agente Jovem de Cultura do Ministério da Cultura - MinC 2012. Tem como objetivo desenvolver o gosto pela leitura em lugares onde há pouco ou nenhum acesso à leitura tais como em hospitais, praças, bairros carentes, escolas, entre outros, através da contação de histórias mediada pelo personagem característico do riso, o palhaço PIRULIBALE.

A organização das estratégias, escolha das histórias e organização do encontro é realizado em planejamento pelos envolvidos na iniciativa. O Pirulibale foi criado para mediar às atividades de leitura inicialmente no Programa BALE, tornando-se uma alternativa de mediação entre os livros e o público atendido. Dada à repercussão do personagem estendemos a ação para essa iniciativa.

A turnê que teve início no mês de fevereiro e vai até o mês de julho vem ganhando bastante reconhecimento por onde passa, apesar de estar ainda em andamento. Durante os últimos três meses de realização, já visitamos ambientes como Rotary Club, hospitais e escolas (tanto da zona rural como da zona urbana). Com bastante êxito nossas apresentações despertam risos e a curiosidade do público que sempre nos surpreendiam com a sua admiração e o seu envolvimento durante a contação de história.

Vale ressaltar que um dos motivos para que tal sucesso aconteça está relacionado a organização e participação ativa da equipe. Formada, em média, por 15 voluntários, entre alunos universitários e não universitários além de professores, onde todos fazem parte do BALE.

Nossas apresentações são realizadas duas vezes por mês em lugares diferentes.

É importante ressaltar que esses momentos são marcados com bastante alegria e entusiasmo dos envolvidos. Essa força de vontade reflete em nosso trabalho e também nos ajuda na escolha das histórias a serem contadas pelo palhaço contador.

O PIRULIBALE acompanhado de uma mala repleta de livros e histórias pra contar, entrou em cena no dia 22 de fevereiro de 2013 às 14:00 horas no Rotary Clube localizado em um bairro carente de Pau dos Ferros. Para um público de aproximadamente 100 crianças foi contada a história: A Galinha Xadrez do autor Rogério Trezza, conforme as imagens a seguir.

Figura 01



Fonte: Acervo da Turnê

Figura 02



Fonte: Acervo da Turnê

As crianças ficaram admiradas com a mala e com o palhaço. Não demorava muito e logo aquele personagem engraçado os perguntava sobre o que tinha naquela mala, as respostas foram as mais diversas.

A interpretação do palhaço contava com o auxílio de alguns objetos cênicos que retirava da mala com o desenrolar da narrativa. Cada personagem tinha uma voz diferente. O livro era apresentado no início da contação, mas toda a narrativa era apresentada sem o uso do livro. Essas estratégias de leitura garantiram a atenção e participação do público no momento da contação. E assim tem sido as atividades de contação através da turnê. Resgatando o contar e o ouvir história, promovendo acesso a cultura e a alegria daqueles espaços mais desprovidos de leitura.

O resultado tem sido reconhecido tanto pelo público com pela própria equipe que constrói cada momento de forma interativa e voluntária, e que são possibilidades como essas que nos deixa felizes, pois formamos leitores, sujeitos capazes de interagir, sorrir e situar-se no mundo como protagonista da própria história pelo incentivo ao ato de ler. E quando contamos história estamos ampliando esse repertório de leitura e

estimulando a busca-la em outras esferas da sociedade, seja na escola ou na praça, todo espaço é digno do ato de ler.

## **CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Consideramos que, além de despertar no sujeito o interesse pela leitura dos textos literários e outros gêneros; a iniciativa da turnê está formando leitores críticos, reflexivos, capazes de ver e ler o mundo que o cerca. Nesse sentido, desenvolver e estimular o aprendizado através do riso e da brincadeira pela mediação e contação do palhaço como estratégia (arte circense), construindo nos sujeitos o gosto pela leitura, estamos promovendo o resgate cultural da arte da contação de histórias, tradição realizada pela oralidade, que tanto tem sido esquecida nos dias atuais.

Com isso, as estratégias de contação e reconto de histórias utilizadas nas atividades do Programa BALE e da turnê, têm alcançado resultados significativos no que diz respeito à formação de leitores e mediadores de leitura, a causa do contato direto com a literatura, os diversos livros e o dinamismo de como as histórias são trabalhadas.

Para tanto, a contação de histórias exerce um bem inigualável no sujeito. Essa iniciativa tem provocado em nós a reflexão acerca das práticas de leitura que estamos vivendo nos dias atuais, percebendo a necessidade de promover práticas que venham resgatar os livros, as histórias e formar sujeitos leitores e por essa prática formar também para a vida a partir da compreensão. Com certeza ainda teremos muito a conquistar com a continuidade da turnê.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis – Rio de Janeiro, 2006.

BRASIL. Percursos de aprendizagens: leitura e reconto - A Rede em rede: **a formação continuada na Educação Infantil**/ Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2010.

DELMANTO, D. (2007). A mediação da leitura à luz da concepção de aprendizado socialmente elaborado. In: **Prazer em ler: registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura**. São Paulo: Instituto C&A e CENPEC. p. 16-30.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

HELD, J. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus, 1980.

RIOS, A. Literatura e formação de leitores. In: **Formação de leitores proficientes**. Campina Grande – PB. Bagagem, 2008.

SAMPAIO, M. L. P.; MASCARENHAS, R. O. **Projeto BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas: ação conjunta entre o BNB, o GEPPE e a comunidade paufferrense**. Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2007.